

**MANIFES-
TO POR UM
TEATRO
ANTIÉS-
PETACULAR**

Por um teatro antiespetacular Pedro Bennaton

© Pedro Bennaton, 2017

B469p Bennaton, Pedro

Por um teatro antiespetacular / Pedro Bennaton . - Desterro [Florianópolis] :
Cultura e Barbárie, 2017.

12p.

ISBN: 978-85-63003-78-2

1. Teatro - História e crítica. I. Título. II. Autor.

CDD: 792

Cultura e Barbárie Editora

CONSELHO EDITORIAL Alexandre Nodari, Flávia Cera, Fernando Scheibe,
Leonardo D'Ávila, Marina Moros e

Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br | contato@culturaebarbarie.com.br

Florianópolis/SC



50 anos da publicação de A Sociedade do Espetáculo e continuamos a aplaudir efusivamente desde as poltronas mofadas da opressora estrutura predial, a que também, e pragmaticamente, denominam teatro um ou mais atores distantes, em cima de um palco.

O espetáculo só fez aumentar nesses 50 anos, para muito além dos comentários de Debord sobre sua própria obra antes de seu suicídio em 1994. Assistimos a séries, filmes e lamentamos que o teatro não tem público, ansiamos pelo dia em que o teatro voltará a ter importância.

Contudo, nós mesmos falamos mais de séries estadunidenses do que das peças que vemos ou deixamos de ver. Ninguém anseia pela próxima estreia como anseia pela nova temporada. Aliás, o termo temporada um dia pertenceu ao teatro, mas se perdeu em nossas apresentações fugazes, disputadas e forjadas a duras penas. Tenho pena de um teatro espetacular, pois mesmo que supostamente este até tenha uma pretensão revolucionária, ela se esvai na própria forma que reverencia a estratégia binária da indústria cultural.

Artistas, programadores, curadores, professores, não arriscam mais. Musicais estilo Broadway, comédias chulas, momentos agradáveis, o teatro tem que ser fácil, divertido, leve. Um teatro que causa problema não é bem-vindo. O teatro que causa é negligenciado. Mas se temos tantos problemas, o teatro

deveria servir para problematizá-los e não para cobri-los sob o manto dos alívios, esperanças, gargalhadas e das palmas unânimes.

Se uma peça agrada a todos é por sua similaridade com o espetáculo do Capitalismo. Similaridade, não, é por sua reverência ao mercado. Devemos desconfiar se a mesma não é uma ação (mais uma), estratégica, de dominação do inimigo.

Só há um meio do teatro voltar a ter importância, é voltar a ser um acontecimento, é causar vetores contrários, debates acalorados, raiva, problemas. Causar.

Se um teatro não desperta repulsa, confusão, ação por parte de seu público, é por estar agradando. E agradar a sociedade é tarefa do Capital, iludir, fazer feliz, ser amigo. O teatro não deve ser curtido, não deve despertar

empatia, ser consumido. A empatia é arma do poder para nos fazer consumir mais e mais. O teatro não serve para ser consumido, como um episódio, um cineminha, um show. Consumido, o teatro deve gerar indigestão. O encontro provocado pelo teatro deve gerar algo além da satisfação de uma noite divertida, deve causar fricção, deve tirar o sono de seu público.

A ação mais honesta de alguém do público numa peça de palco é dormir. Quando alguém do público dorme quer dizer que o teatro chegou ao seu ápice, o ápice do espetáculo, no útero do poder. Tão confortável e inofensivo quanto um berço. O público está tão relaxado que dorme, ou gargalha, aplaude, como uma foca. Está tão feliz que aplaude a cena, espera ansiosamente para ficar de pé e ter o momento mais humano daquela experiência, olhar os atores no palco e aplaudi-los. Receber a sua

dose de espetacularidade corporal e presencial.

Por um teatro sem aplausos.

Por um teatro sem teatro.

Por um teatro sem atores, ou em que todas as pessoas sejam atrizes e atores.

Por um teatro sujo, precário, que seja uma bomba, um vírus. Carrego Artaud nessas palavras, mas também aquelas pessoas que não se importaram em ter seus pares ansiando para que morressem, que desistissem, que parassem de fazer um teatro que lhes mostrava que todos estavam na merda.

Por um teatro menos binário, pois binários são os meios eletrônicos. Encontros não-binários são a única possibilidade de rompermos com a lógica de produção capitalista. Por um teatro não-binário. Se queremos conteúdo não-

binário, nosso teatro também deve carregar formas não-binárias. Romper com qualquer teatro civilizatório e de formação espetacular colonizadora. Um ritual não precisa possuir as estratégias espetaculares do colonizador. Como antropófagos, precisamos encontrar nossas raízes para um teatro da selvageria, da barbárie. Um teatro canibal que vê o público como os tupinambás viam Hans Staden.

Se a Sociedade é a do Espetáculo, não esse deprimente que estamos fazendo, mas um espetáculo da economia como ilusão, do humano como imagem, é necessário o antiespetáculo, o teatro anticommodity (anticomodidade).

Quando tudo é imagem, luto por um teatro sem imagem. Por um teatro antiespetacular.

Publicoator, Atorpublico

Acontecimentotexto, Textoacontecimento

Artevida, Vidaarte

Letraação, açãoletra

Realidadeficção, Ficçãorealidade

Espaçotempo, Tempoespaço

Erroacerto, acertoerro

Curola, rolacu

Emissorreceptor, receptoremissor

Formaconteúdo, conteúdoforma

Vertocar, Tocarver

Visívelinvisível, invisívelvisível

Para criar palavras novas que quebrem com a dominação presente em nossa linguagem, como os gêneros, precisamos criar além da palavra teatral, ações teatrais não-binárias. Não basta a letra, temos que romper a sua forma.

Quem um dia lidou com o espetáculo pode ter as armas para romper com ele.

Mas precisa ter coragem para fazer um teatro que angarie mais problemas do que sucesso, mais inimizades do que amizades. Menos louros e mais raiva. Não há como lutar contra o Capital sem quebrar algo, algum paradigma, alguma relação binária.

Algo além da quarta parede, por favor, pois algo que nunca existiu, foi construído e estilhaçado há mais de um século, ainda serve de motivo para uma vasta parcela de pessoas do teatro continuar com a ladainha de romper

com a quarta-parede, que também se junta a outra vasta parcela que reclama que ninguém vai ao teatro. Ambas parcelas estão juntas para continuarem a perpetuar a lógica espetacular.

Por um teatro que (ir)rompe além das paredes.

Todos os espaços são espaços teatrais, todos os espaços são lugares de luta.

Por um teatro que destrua os teatros enquanto estrutura arquitetônica, binária.

Por um teatro das pessoas, das ruas, que venha de nossas ânsias e veias não-binárias.

impresso em desterro

outubro
de dois mil e 17

cem anos da revolução russa
com todas as suas ambiguidades